Master Negative Storage Number

OCI00048.02

Confissão d'um saloio

Lisboa

[188-?]

Reel: 48 Title: 2

BIBLIOGRAPHIC RECORD TARGET
PRESERVATION OFFICE
CLEVELAND PUBLIC LIBRARY

RLG GREAT COLLECTIONS
MICROFILMING PROJECT, PHASE IV
JOHN G. WHITE CHAPBOOK COLLECTION
Master Negative Storage Number: OCI00048.02

Control Number: BBP-8778
OCLC Number : 07511614
Call Number : W 381.5698 P8382 no. 2
Title : Confissão d'um saloio : seguida d'uma cantiga, Aventuras de Zé Bogalho / por um saloio da Portella.
Imprint : Lisboa : Livraria popular de Francisco Franco, [188-?]
Format : 8 p. ; 18 cm.
Note : Cover title.
Note : Title vignette (woodcut).
Subject : Chapbooks, Portuguese.

MICROFILMED BY
PRESERVATION RESOURCES (BETHLEHEM, PA)
On behalf of the
Preservation Office, Cleveland Public Library
Cleveland, Ohio, USA
Film Size: 35mm microfilm
Image Placement: IIB
Reduction Ratio: 8:1
Date filming began: 9/29/94
Camera Operator: AL

BIBLIOTHECA POPULAR

N.º 2

CONFISSÃO D'UM SALOIO

SEGUIDA D'UMA CANTIGA

AVENTURAS DE ZÉ BOGALHO

POR

Um saloio da Portella

LIVRARIA POPULAR
DE
FRANCISCO FRANCO
60, Travessa de S. Domingos, 60
LISBOA

W
381.5698
88382
no.2

CONFISSÃO D'UM SALOIO

Saloio.—Ora com seiscentos *mel* diabos *inté* que cá *cheguê*. Esta *ingreja* fica mais longe que os infernos. Onde está o *sê* padre prior?

Sachristão.—A almoçar. Acabou agora mesmo de dizer a missa do dia, mas se lhe quer alguma cousa eu vou chamal-o.

S.—Sim; *senhori*, diga-lhe que está aqui o *Manel Grigorio*, que se quer confessar. Que já não é *sen* tempo. Ha 12 mezes *sen* despejar o sacco, veja lá vossê como elle *nan* deve estar. Está mesmo *inté* á bocca.

Sac.—Pois eu vou avisar o Sr. Prior.

S.—Olhe lá. Vossê ha de ganhar muito pouco e *intão nan le* sabe mal se *ê le* dér ahi dois *tostanitos*.

Sac.—Não se incommode.

S.—Isto *nan* é incommodo *ninhum*. *Ê nan* sou muito rico, mas *gracias* a Deus tenho com que me *arremediar*. Tome lá e vá me chamar o *sê* prior.

O sachrista saiu e momentos depois appareceu o prior.

S.—Ora salve-o Deus, *mê* padre. *Ê nan sê* se o sachrista *le* disse que eu vinha para me confessar.

Prior.—Sim, disse, e eis-me aqui ao seu dispôr.

S.—Ora *ê* nunca me *confessê*, mas a coisa ha de ir por deante. Aposto que o *sê* padre não *le ben* á *lem bradura* porque *razã ê* me venho confessar.

P.—Naturalmente para se reconciliar com Deus.

S.—Qual *histoira*, *nen* rascas d'isso. Ora oiça lá. *Ê* tenho lá uma horta que *nen* á mão de Deus Padre me dá pepinos. Os tomates *tamben* são sempre amarellos e de muito mau gosto. Ora a minha mulher um dia pensou e pensou muito *ben*. Os pepinos e os tomates *nan* crescem porque andam em *piccado* mortal. Vae *ê ospois* disse cá para commigo—Tato *Manel*,

as *hortalicias* andam em *piccado* mortal e portanto, *nan medran.* Vamos a confessar-mos; *nan* seja o dialho surdo que aproveitando o ensejo de *ê* andar em *piccado* mortal e me ponha para ahi amarello como os *mês* tomates. E vae *ospois infarapellê me* e aqui estou. Que me diz, *pensê ben* ou *pensê* mal?

P.—Muito bem. A confissão é sempre um lenitivo aos nossos achaques.

S.—E os *mês nan san* poucos. De que dialho me serve o *dinhêro* se vejo o pepino e os tomates sem summo?

P.—Pois vamos para o confissionario.

E dirigiram-se ambos para o corpo da egreja onde o padre se estabeleceu n'um confissionario e o saloio a seus pés.

P.—Benza-se.

S

P'lo signal da santa cruz
Livre-nos Deus Creador
Dos nossos maus inimigos
Que nos tenham *sê* rancor.

E *en* nome do Padre e filho
E *Espiito* Santo *tamben*
Nos livre das más palavras
Para todo o sempre—*Amen*

Ora *ê sê* padre prior venho aqui a confessar-*le* que *nan* tenho sido *nen* muito bom *nen* muito máu.

P.—Todos nós somos peccadores, porque, perfeito só Deus.

S.—Ora *ê* amo deveras o *mê* creador, mas ás vezes *tamben* me arrelio com elle porque me *nan* faz as vontades. Quando estou *ben* com elle *nan* faço *senan* resar; *agoira* quando estou, como o *oitro* que diz, escamado, isso *entan* cá as minhas ganas era pregar-*le* um sacco.

P.—Oh! homem de Deus, não diga heresias. Deus é pae de misericordia e não merece que nos revoltemos

AUG 15

contra elle. Todo o mal que nos acontece não é promovido por elle, ou vem do domonio ou das nossas cabeças.

S.—Pois será isso uma verdade. Lá jurar é que *ê* nunca juro *senan* aquillo que vejo. Mas *tamben* rogo pragas como seiscentos *dianhos*. Por dá cá aquella palha é: *rais* te parto, o diabo te leve p'rás profundas do inferno, etc., etc.

P.—Isso é máu, meu filho. Quanto mais pragas se rogam mais embaraçado se vive.

S.—Isso *tamben* é uma verdade muito certa. Mas adeante. Lá *respêtar* o pae e a mãe isso *nan* tenho de que me queixar. Elles *nan* podem ser testemunhas porque já *estan* no inferno mas o *sê* padre quando para lá fôr pergunte-*le* e verá *sé* ou não verdade isto que *le* estou aqui *dezendo*.

P.—Não é necessario, basta-me a sua palavra.

S.—Nunca falto á missa, mas para lhe fallar com o coração nas *mões nan* gosto nada d'aquelle *servicio*.

P.—E porque?

S.—Porque me mette raiva vêr os janotinhas a namoricarem as meninas de chapelicos. *O' ben* que aquillo é *ingreja ó ben* que é casa de *derriçar*.

P.—Mas cumpra o senhor com a sua obrigação que o mal dos mais elle o pagarão.

S.—

Causa me grande *árrelia*
Ver os taes senhores janotas
A pescarem os olhicos
Para as taes raparigotas

Non está mais na minha mão
Fico *tun* arreliado
Que me dá logo vontade
De correr tudo a cajado.

Ospois temos o quinto mandamento que lá diz: Não matarás. Ora isto é *estuipido*, ó *sê* prior Um *home ben*

sabe que *nan* deve matar o *sê semilhante* e por isso *nan* é preciso que os mandamentos aconselhem. *Agoira* no sexto é que *ê* tenho muito que dizer.

P.—E' onde todos esbarram.

S.—Pois *nan* tenho esbarrado, tenho furado p'ra deante. Ha um anno, a esta parte, *arranjê* uma *cachópa* de se *le* tirar o barrete. Fui com ella dar um *passêo* e no *mêo* das cearas...Bumba, uma ferroada no sexto mandamento.

P.—Pobre rapariga!

S.—Ha *sês* mezes, isso *entan* foi *oitra* obra. Uma mulher casada, que quando me via abria muito os *olhicos*, convidou-me um dia para eu ir á sua casa. *Nan le* conto nada; *accetê* o convite e *ospois*... depois de uma *trombada* de porco que me soube a gaitas... Catrapuz, um beliscão no sexto mandamento.

P.—Um adulterio! Oh!!!

S.—*Ospois* passados uns trens mezes, *topê* com *oitra* cachopa que em belleza e *fegura nan* ficava a dever nada ás *oitras*. Esta era filha d'um *siervo mê*, mas a raparigola inda era peor do que *ê*. Convidou-me lá para uma passeata e quando estavamos *ben* sósinhos agarrou-me n'um braço e levou-me para dentro d'um moinho. Agarrou-se a mim e *ospois*... Zás, traz; um lenho no sexto mandamento.

P.—Uma desinquietação! Oh que horror!!!

S.—Ha coisa de quinze dias, aqui muito *proximo*...

P.—Oh! homem de Deus não continue.

Eu estou todo arrepiado
D'essa sua triste historia
Pois d'ouvir tanto peccado
Não ha de certo memoria

D'isso tudo que lh'ouvi
E do mais que m' escondeu
Eu sómente concluí
Que é muito mais f'liz do que eu...

Mas vamos adeante que o tempo corre ligeiro e eu tenho muito que fazer. Diz nos o setimo mandamento: não furtarás. A consciencia accusa-o d'algum furto?

S.—*Nan, senhore. É* nunca *furtê* nada a *ninguen* á excepção do que já lhe disse no meu terceiro conto.

P.—Cubiça a mulher do proximo.

S.—Podéra *nan*. Se estou mal servido. A minha *Thareza* é muito boa mulhersica, muito arranjadita e muito minha amiga, mas a *respêto* de belleza boas noites *sê* padre. Por isso quando vejo alguma cachópa que seja bonita, embora casada, trato logo de dizer cá *cos mês* botões: Ora *quen* me déra apanhar aquella *didade*. Mas *ospois* penso e digo para commigo: O mel *nan* é para a bocca do asno, *sê* padre prior. As mulheres bonitas *san* para os ricos e para os padres. Os *povres* que se *governen*.

P.—E a respeito de inveja? Tem cubiçado alguma vez as cousas alheias?

S.—*Pôz* era a isso que *ê* me queria *arrefarir* quando lhe *comecê* a contar a minha quarta aventura. Ora *ê cubicê* deveras uns *olhicos* encantadores que vi aqui ha tempos. E' verdade que a sua dona *nan* é nada creança, mas é boa como todos os diabos. Ora *ê fi-le* frente e a velhica parecia que *nun* desgostava de mim. *Ospois escrivi le* uma carta que diria assim:

Esses olhos repolhudos
Parecem-me dois carvões,
Que *estan* sempre a arder
P'ra *quêmar* os corações

E se *ê tevesse* a ventura
De por elles ser olhada
Ai cachopa *quen* me dera
Comtigo morrer *quêmado*.

Já vê que foi *en* verso e verso todo *chêo* de nove

horas. A mulher *arrecebeu* a carta e no *oitro* dia mandou-me chamar. Eu fui logo e... já se sabe, mais arranhaduras no sexto mandamento. Ora *e nan sê ben* se ella é casada, o *sê* prior ê que deve saber. Ella mora aqui *in riba* mesmo defronte do *Joaquim sapatêro* n'aquelle predio encarnado...

O padre deu um pulo e respondeu muito atarantado:

P.—E' casada é e então não volte lá que o marido é capaz de o matar. Rese por penitencia uma corôa e tres padre nossos ao Santissimo e póde-se retirar que está absolvido.

S.—*Nan* quer *oivir* o resto?

P.—Não, estou satisfeito.

S.—*Entan* com sua licença.

Ao vel-o retirar-se o padre olhava-o com admiração pensando:

—Que tal está o melro heim!? E' um conquistador de mão cheia. Até minha propria irmã!!!!

AVENTURAS DO ZÉ BORRALHO

MOTTE

Toda a gente da *cedade*
Diz que *ê* cá sou muito alho,
As mulheres *'stan* sempre promptas,
Para amar o *Zé Bogalho.*

GLOSAS

Ê tenho tido aventuras
Como mais *ninguen* as *ten*
E sempre me saio *ben*
Cá com as minhas ternuras.
Ê já fiz bellas *feguras*

Por hi entre a *sociadade*,
Porque, fallando verdade,
Esta minha *fegurinha*
Faz morder-se d'invejinha
Toda a gente da *cedade*.

A mulher do *sê* escrivão
Dá o cavaco por mim
Mas o marido é ruim
E está sempre a *ir-lhe á mão*.
A mana do sachristão
Faz sempre asneira ao trabalho
Se *ê* algum dia lhe falho
Em mostrar-lhe o *mê* amor...
'Té a ama do prior
Diz que *ê* cá sou muito alho.

E *ê* cá por mim tanto faz
Que seja esta ou aquella,
Sendo nova e sendo bella
Já está contente o rapaz.
E por ser muito sagaz
Nunca erro as minhas contas
T'amben nunca faço apontas
E a nenhuma *sê mintir*
E por isso p'ra me ouvir
As mulheres *'stan* sempre promptas.

A *Jaquina* do logar
Deu-me *honte* á noite um *bêjo*
A *Leanor* deu-me um *quêjo*
Que ao marido foi palmar.
E por *ê* as bem tratar
E' que ellas me chamam alho
É nunca *les* dou um ralho
Quando ellas se fazem tontas
E é por isso qu'*estan* promptas
Para amar o *Zé Bogalho*.